

# Mario de Andrade: Um Talento Poliédrico<sup>1</sup>

Néli Alves Pereira<sup>2</sup>

Universidade Tuiuti do Paraná

## Resumo

Este artigo pretende analisar a contribuição de Mario de Andrade para os estudos sobre a linguagem do rádio brasileiro. A partir do texto “Língua Radiofônica” publicado em 1940 e integrante do livro “Empalhador de Passarinho”, o trabalho procura revelar as características da linguagem verbal do meio exploradas pelo autor, o contexto histórico no qual foi escrito, o cenário radiofônico da época e a questão da língua no rádio.

## Palavras-chave

Rádio brasileiro, oralidade, Mario de Andrade

## Corpo do trabalho

A pesquisa da obra de Mario de Andrade revela um artista interdisciplinar, com contribuições em áreas como a crítica e história da arte, a literatura brasileira (da qual é um dos ícones, especialmente por *Macunaíma*), o folclore, a música, a fotografia (CARNICEL, 2003). Apesar da diversidade de assuntos, a obra de Mário de Andrade envolve sempre uma questão principal: a construção da brasilidade. Este artigo pretende abordar a sua contribuição para o rádio brasileiro.

Mario Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, no dia 9 de outubro de 1893. Polígrafo e musicólogo diplomou-se em Piano no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo e foi professor de Estética e História da Música na mesma instituição. Estréia em livro em 1917, com *Há uma Gota de Sangue em Cada Poema*. Participa do Movimento Modernista de 1922. Foi membro da Comissão incumbida da reforma da Escola Nacional de Música, diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de SP, fundador da

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP06 – Rádio e Mídia Sonora do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da INTERCOM

<sup>2</sup> Especialista em Comunicação Audiovisual (PUC-PR). Mestranda em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná. Atuou como coordenadora, produtora e âncora da Rádio Educativa do Paraná.

Sociedade de Etnografia e Folclore e alto funcionário do Instituto Nacional do Livro. Autor de vários títulos em conto, ensaio, poesia, romance e crítica.

Uma descrição pertinente para a figura criativa e fértil de Mario de Andrade pode ser encontrada em Iuri Lóttman, um dos fundadores da chamada Escola da Semiótica Russa, de Tártu-Moscú, quando esclarece um *talento poliédrico*.

“Um talento que reproduz inteligências cuja capacidade criadora não enxerga limites, podendo estabelecer conexões onde muitos só vêem compartimentos e ver problemas onde o senso comum já fixou verdades” (apud MACHADO, 2003:23)

Parte integrante da reunião de ensaios publicada em “*O Empalhador de Passarinho*”, o texto “A Língua Radiofônica” traz discussões acerca da linguagem do rádio, do caráter dinâmico e plural da língua e um vislumbre do veículo como meio de comunicação de massa no Brasil.

#### **1940: O Estado Novo e a Radiodifusão**

As décadas de 30 e 40 foram de grande efervescência no Brasil e no mundo. A ditadura salazarista continuava, Hitler acabava com o Tratado de Versalhes, o final da década de 30 marca o apogeu do nazi-fascismo. No Brasil, o Estado Novo de Getúlio Vargas governa com poderes praticamente ilimitados e aprofunda-se o processo de constituição do capitalismo no país a partir do crescimento urbano e industrial, com ênfase do governo ao corporativismo, ao nacionalismo ideológico e à criação de um *Brasil Uno*, fase de construção da noção de nação.

“ Vargas difundia o ingresso no Brasil em nova etapa histórica, de construção, a qual exigia um novo homem, nova mentalidade e novas leis; não obstante, todo o compromisso do presente com o futuro não dispensava, antes se alicerçava, nas lições do passado. Assim , propunha resgatar os valores morais e cívicos na nacionalidade, culto aos heróis da história e redescobrir o sentimento de brasilidade” (FONSECA,1989:252)

A radiodifusão brasileira tem na década de 40 sua chamada “época de ouro”. A liberação dos reclames em 1930 iniciou uma fase de transição no rádio, da programação erudita que visava educar para a de entretenimento, cujo objetivo principal era a audiência ampla e o consumo. Os ideais de Roquette-Pinto (de quem Mario de Andrade era admirador) de fazer do rádio instrumento de educação foram deixados de lado. Em 1940, a Rádio Nacional é estatizada pelo governo Vargas, que usa o meio em seu favor.

“Neste contexto, o rádio viveria aquela que é considerada a sua época de ouro, caracterizada por uma programação voltada ao entretenimento, predominando programas de auditório, radionovelas e humorísticos” (FERRARETO,2000:112)

É neste cenário que em 1940 Mario de Andrade continua a escrever críticas para a seção “Vida Literária”, do Diário de Notícias, atividade iniciada em 1938. Desta coluna ele seleciona os artigos para a publicação de *Empalhador de Passarinho*. O texto “A Língua Radiofônica” fora publicado em jornal no dia 03 de fevereiro de 1940 e foi um dos selecionados para integrar o livro. Nessa época, passado o Movimento Modernista, Mario de Andrade continuava a preocupar-se com questões de identidade nacional.

“As intuições de Mario de Andrade presentes nos escritos do final dos anos 30 até a sua morte, em 1945, resultam esforço de tratar de forma cada vez mais articulada o propósito universalista e o tema da identidade nacional”(MORAES,1999:120)

A relação de identidade e língua nacional também é discutida por Mario de Andrade no texto analisado. O impulso para a redação do texto sobre o rádio inicia por sua explícita indignação com a nomeação feita pelo governo argentino de uma Comissão de Estudo e Reorganização Geral do Serviço para a solução de alguns problemas, entre eles a linguagem usada pelos rádios argentinos. Organizado um inquérito, quatro problemas foram identificados pela Comissão e entregues a várias instituições culturais argentinas: vícios de pronúncia correntes, comédias dialogadas em linguagem familiar, teatro rural em linguagem regional, canções populares, ou como colocado no texto “canções escritas na geringonça arrabaldeira” (ANDRADE:1972,205) . Mario de Andrade organiza no texto comentários sobre a resposta dessas instituições ao inquérito e, apesar da interessante crítica aos interesses pessoais destes grupos ( entre os quais a Igreja, a Faculdade de Filosofia e Letras, O Museu Nacional), este artigo não pretende trabalhar as respostas ideológicas de cada um deles mas a conclusão a que chega o autor sobre elas.

“ No fundo, como pessoas cultíssimas que são e acostumados às manifestações cultas da linguagem, lhes desagradava o linguajar radiofônico e desejariam proibi-lo pra todo sempre, salvando-se dessa forma a linguagem de Cervantes. De Cervantes e não a linguagem castelhano-argentina viva...”(ANDRADE, 1972:207)

A questão da língua viva e da expressão verbal como fatores incondicionais para a identidade nacional sempre permearam sua obra e foram defendidos por ele de maneira veemente na Semana de Arte Moderna de 22 e no Movimento Modernista . Em “*Aspectos*

*da Literatura Brasileira*”, Mario de Andrade faz uma confiante retrospectiva do Modernismo e afirma que a radicação à pátria proposta pelo movimento tinha na formação da língua brasileira o *estandarte mais colorido*.

“ O espírito modernista reconheceu que si vivíamos já de nossa realidade brasileira, carecia reverificar nosso instrumento de trabalho para que nos expressássemos com identidade. Inventou-se do dia para a noite a fabulosíssima “ língua brasileira” (ANDRADE, 2002:270)

Apesar de o ensaio inicialmente tratar da questão sobre o inquérito argentino, ele afirma que todos os países estavam, na época, atravessando o mesmo momento: o de surgimento e reconhecimento de uma linguagem radiofônica.

“Assim, está nascendo dentro da língua castelhana, como dentro da língua portuguesa, e provavelmente dentro de todas as demais línguas, uma nova linguagem, a linguagem radiofônica” (ANDRADE, 1972:209)

A sua preocupação a partir daí não é definir, senão defender com argumentos que passam pela lingüística, pela gramática e pela cultura, uma linguagem radiofônica autêntica e apontar algumas características deste campo, segundo o autor, “pitoresco” .

### **Língua Radiofônica Viva**

Nas suas considerações, Mario de Andrade trata da questão da linguagem do rádio apenas na sua expressão verbal, o que importa para o autor é a discussão sobre a língua no rádio. Por esta razão, a fonografia, a música, o silêncio, a entonação; partes integrantes e determinantes da linguagem radiofônica, além de não serem exploradas por ele no ensaio, são distintas do elemento plástico contido em outras formas de oralidade como a oratória e o teatro. Em mais de um momento no texto, o autor cita a falta de recursos plásticos do rádio, atribuindo o que ele chama de minutagem (uso de frases curtas) à supressão da fadiga de uma audição desprovida de tais elementos. Certamente a exclusão destes elementos fonográficos, já utilizados na década de 40 principalmente em radionovelas restringe ao rádio uma linguagem apenas verbal, que não é propriamente o único elemento da linguagem do meio. A exclusão surpreende pelo próprio apreço de Mario de Andrade aos elementos plásticos e outros não foram inclusos por razões não expostas por ele no ensaio. De qualquer forma, é importante destacar que embora se saiba da amplitude da linguagem

radiofônica e de seus vários recursos, este artigo tratará apenas daqueles citados por Mario de Andrade no texto.

No campo da expressão verbal, no entanto, o autor mantém o mesmo discurso de vários autores contemporâneos a ele, entre os quais se destaca Mikhail Bakhtin ( 1895 – 1975) pensador russo que fez considerações análogas às de Mario de Andrade com relação à língua. Para o autor brasileiro, a língua é propriedade social e seu uso, criador de inúmeras linguagens. Ele faz distinção entre a língua e a fala (*langue e parole*), mas, diferente de Saussure, prioriza a fala e não admite a língua homogênea e regular, mas antes a execução heterogênea da língua (CORREA, 2002:59). O enfoque, portanto, é na *parole*, pois para Mario de Andrade, a “fala brasileira” é a expressão verbal da realidade psicológica do povo; o uso concreto da língua é, para ele, as várias linguagens advindas deste sistema abstrato em interação social, admitindo, assim como Bakhtin, a dinâmica do enunciado. Seguindo os preceitos modernistas, Mario de Andrade valoriza a fala na sua diversidade lingüística e riqueza oral como fonte de conhecimento e acesso de uma língua e, por conseqüência, de uma cultura.

Nesse contexto, a linguagem do rádio é mais uma possibilidade dentro de cada uma das línguas nas quais o meio é empregado.

“A língua, no sentido abstrato, é uma propriedade de todo o grupo social que a emprega. O tempo, os acidentes regionais, as profissões se encarregaram de transformar essa língua abstrata numa quantidade de linguagens concretas diversas. Ora, existe a linguagem do rádio também”(ANDRADE, 1972:207)

A noção de *heteroglossia*, um dos conceitos da obra do russo Bakhtin esclarece este dinamismo. Conceituada por STAM, profundo estudioso da obra de Bakhtin, a explicação de heteroglossia diz que “cada língua nacional compreende, na realidade, um sem número de sublinguagens” (STAM,1992:45). Ora, se cada linguagem é admitida nesta heterogeneidade, criando algo novo e autêntico, cada uma possui algumas características próprias, sempre em diálogo com a realidade circundante. A linguagem do rádio, para Mario de Andrade, também é responsável por uma anatomia própria e determinada pela feição do meio de comunicação, neste caso, inserida no contexto brasileiro da década de 40, época de construção do sentimento de nação, ainda que imposto pelos ideais governistas de Getúlio. Entre as características da linguagem do rádio exploradas por Mario no texto “A Língua Radiofônica” e determinadas segundo o autor por *exigências ecológicas e técnicas*

(ANDRADE,1972:209) estão a forma anticulta, a generalização do você, a minutagem e a persuasão, já considerando o rádio como instrumento de anúncio; estas características não apenas pontuais, encontram-se segundo ele, relacionadas aos seguintes dispositivos discursivos:

### **A generalização do *você***

Mario de Andrade era um paulistano apaixonado por sua terra. Não só através da *Paulicéia Desvairada*, mas em outros tantos momentos, o autor deixou explícita sua admiração por São Paulo.

No tratamento da linguagem radiofônica, Mario de Andrade coloca uma observação curiosa e irônica. “Hoje todo o rádio brasileiro (pelo menos o carioca) emprega o “você” em relação ao ouvinte. Não parece absurdo?” (ANDRADE,1972:208) . Na época no Rio de Janeiro e em outras regiões do país exceto São Paulo, o “tu” era mais amplamente utilizado e, no entanto, o rádio incorporou o “você” para trazer o “eu” locutor mais próximo do “amigo ouvinte”, para criar uma situação de intimidade, de familiaridade. Além disso, o “você” possuía ainda outra vantagem sobre o “tu”: o plural, já que o “vós” era pouco aceitável para a coloquialidade exigida pelo rádio.

A substituição do “você” pelo “tu” está presente ainda em outras discussões sobre os pronomes pessoais, como em Monteiro Lobato na obra clássica “Emília no País da Gramática”. Em uma conversa entre Narizinho e o pronome EU, este último explica:

“No começo havia o tratamento VOSSA MESSÊ, dado aos reis unicamente. Depois passou a ser dado aos fidalgos e mudou de forma. Ficou uns tempos VOSSEMECÊ e depois a VOSMECÊ e finalmente como está hoje –VOCÊ, entrando a ser aplicado em vez do TU, no tratamento familiar e caseiro. No andar em que vai creio que acabará expulsando o TU para o bairro das palavras arcaicas, porque já no Brasil muito pouca gente emprega o TU” (LOBATO, 1965:122)

Para Mario de Andrade, o “você” era dotado de utilidades psicológicas e gramaticais que não deixavam ao rádio outra alternativa senão emprega-lo para cumprir mais uma de suas funções colocadas pelo autor: a de atingir o maior de número de pessoas de todas as classes.

A discussão acerca dos pronomes pessoais sempre despertou estudos interessantes. Roland Barthes ao comentar algumas peculiaridades da língua francesa inclusas na obra

“Aula”, cita que na língua, tem-se sempre que se colocar antes de tudo como sujeito obrigado a escolher.

“ Vejo-me adstrito a colocar-me antes de tudo como sujeito, antes de enunciar a ação que, desde então, será apenas meu atributo: o que faço não é mais do que a consequência e a consecução do que sou; da mesma maneira, sou obrigado a escolher entre o masculino e o feminino, o neutro e o complexo me são proibidos; do mesmo modo, sou obrigado a marcar minha relação com o outro recorrendo quer ao *tu*, quer ao *vous*: *o suspense afetivo ou social me é recusado*”. (BARTHES,1977:13)

O uso dos pronomes pessoais está relacionado não só com o tratamento intersubjetivo, mas também com as regras de determinada língua. Não se critica apenas a maneira formal de tratamento social pela escolha de uso dos pronomes pessoais, mas também a própria formalidade da língua (*langue*) enquanto ferramenta normativa.

Émile Benveniste, no texto “Natureza dos Pronomes” da obra “Problemas de Linguística Geral II”, postula que os pronomes são “signos vazios”, criados pela linguagem para resolver o problema da comunicação intersubjetiva, de tal forma que “se tornam plenos assim que o locutor os assume em cada instância do seu discurso” (BENVENISTE, 1991: 278). O autor francês distingue a língua “como repertório de signos e sistema de suas combinações e a língua manifestada nas instâncias de discurso caracterizadas como tais por índices próprios” (BENVENISTE, 1991:283). Desta forma, a existência dos indicadores “eu/tu”, depende, segundo ele, de sua atualização na instância do discurso. Ainda segundo o autor, a relação destes indicadores é a única capaz de trazer a referência de pessoa; fora dela, esta referência é igual a zero. Exaltando a pessoa/ouvinte, o rádio a convence mais facilmente.

### **Um instrumento de anúncio**

Na época em que Mario de Andrade escreveu o ensaio a programação radiofônica brasileira era bastante eclética. Conviviam nas ondas do rádio os reclames, as notícias jornalísticas, os jogos esportivos, os programas de auditório, a música. Os locutores estavam o tempo todo a anunciar. Por esta razão, Mario de Andrade coloca o rádio como instrumento de convencimento, pois anuncia o tempo todo. Apesar de reconhecer a função educacional do meio, o autor afirma que da educação o rádio só utiliza o elemento de convicção e não considera este fato como pejorativo, já que salvaguardando a integridade do meio, o rádio se coloca desta forma apenas pelas circunstâncias em que ele está inserido

no Brasil. A afirmação de convencimento aplicada ao rádio neste texto se confirma ainda atualmente, basta verificar as relações do rádio com a política, várias publicações que tratam deste assunto e sem precisar ir muito longe no tempo, o intensivo uso do veículo feito por nomes como Hitler e o próprio Getúlio Vargas.

A impressão do autor sobre o rádio muito se assemelha ao pensamento dos pragmáticos, para quem toda afirmação tem uma intenção argumentativa e toda relação de comunicação é uma relação de manipulação, de persuasão, ou, como postula a teoria interacionista, “dizer é fazer fazer”(FIORIN, 2002: 173) .

### **A Linguagem Anticulta**

“É tão fácil a erudição!”(ANDRADE, 2002:274) . A afirmação de Mario de Andrade se aplica não apenas na linguagem verbal, mas na musical e na expressão artística plástica de forma geral. A crítica à erudição é um dos fatores colocados em xeque pelos modernistas. Ao explorar a linguagem radiofônica, Mario volta a tratar da língua culta como instrumento estagnado, conservador. Ele não nega a existência da mesma, mas a descreve como “escrita, por excelência, tradicionalista por seu vício, conservadora por cacoete específico de cultismo”(ANDRADE, 1972:208) . Mario de Andrade já antes havia criticado este cultismo aristocrático e elitista, como fica explícito em “Ode ao Burguês”, recitado na Semana de Arte de 22.

A questão da linguagem anticulta do rádio é, para o autor, a característica que mais importa no ensaio publicado por ele. O rádio, na perspectiva de Mario de Andrade, abandonou as pessoas cultas por uma questão econômica e de *repertório*<sup>3</sup> (COELHO, 2003:123). Como instrumento de anúncio que é, seria mais custoso e difícil convencer as pessoas com repertório intelectualmente mais elevado. Assim, simplificou a linguagem verbal, trocou pronomes e “decidiu”, por manobra política habilidosa deixar de lado as pessoas cultas em prol de uma abrangência mais *mediana*.

Os conceitos de cultura de massa e indústria cultural, da arte superior e inferior seriam formulados dois anos mais tarde na Alemanha pelos estudiosos da Escola de Frankfurt. No

---

<sup>3</sup>Para Décio Pignatari, o repertório está ligado à linguagem. Utiliza-se aqui o conceito de repertório de Teixeira Coelho, que o considera “uma espécie de vocabulário, de estoque de signos conhecidos e utilizados por um indivíduo”. Neste aspecto justifica-se ainda a afirmação de Décio Pignatari sobre a relação repertório/audiência: “O repertório amplo reduz a audiência, repertório reduzido amplia a audiência”.



entanto, Mario de Andrade já aplicava a prática destes conceitos com relação ao rádio no Brasil afirmando-o como veículo das massas.

A crítica da visão erudita, calcada nos preceitos mais rígidos da norma culta, da linguagem verbal em uso na literatura e nos meios de comunicação pública em geral, caracterizados por certa formalidade nas relações intersubjetivas é uma das principais características dos modernistas. O rádio, embora popular, assumia na época essa condição. Daí a idéia de “libertação” do meio como meio de comunicação de massa.

Quando escreve que “ a geografia do rádio não alcança as montanhas elevadas da cultura”(ANDRADE, 1972:210) , o autor além de situar uma pressuposta sociedade de classes, insere o meio nas classes mais baixas e redefine seu papel nesta sociedade.

Se, por um lado, Mario de Andrade aproxima o rádio da maioria da população, ao fazer isso, banaliza as possibilidades de exploração de todos os elementos da linguagem radiofônica e supõe a padronização de nível muito baixo na utilização do veículo. Ao colocar a geografia do rádio longe das montanhas elevadas da cultura, o autor presume uma planície sem obstáculos ou desafios, mas, ao mesmo tempo, vislumbra o papel que o rádio viria a ter na sociedade décadas mais tarde.

### **Uma discussão embrionária**

O artigo intitulado “A Língua Viva”, publicado na seqüência de “A Língua Radiofônica” revela um Mario de Andrade preocupado com o que escrevera a respeito do rádio, afirmando que nunca teve a intenção de fazê-lo.

Ao caracterizar o artigo como um atalho de seu pensamento que acabou em um “abismo ousado da linguagem radiofônica, provocada pelas condições sociais do rádio (ANDRADE, 1972: 211), o autor certamente não estava ciente da discussão embrionária que, sem querer, propiciou sobre o estudo do rádio no Brasil. As reflexões deste escritor serviram de sustentação teórica para tantas mídias e o rádio, veículo de comunicação mais popular da época, não ficou de fora das preocupações de Mario de Andrade.

A discussão do autor sugere o rádio como meio essencialmente social, sendo sua linguagem caracterizada pela interação com a sociedade. Mais que apenas um atalho de pensamento, Mario de Andrade, ainda que não intencionalmente, oferece ao leitor um caminho para se estudar a linguagem e a especificidade do rádio no Brasil.

O estudo de Mario de Andrade é pouco conhecido para os estudiosos de comunicação e linguagens no Brasil, mas certamente representa uma contribuição sem igual na pesquisa sobre o meio no país. Apesar de excluir alguns fatores importantes relacionados a linguagem do rádio, o autor vai além das atuais discussões sobre a linguagem em uso feitas através de manuais e guias de redação para o meio. A contextualização e o vislumbre do rádio como veículo das massas não deve passar despercebido aos pesquisadores brasileiros. A partir da análise da contribuição de Mario de Andrade, uma série de estudos pode ser realizada acerca do rádio falado em língua brasileira e que se pergunta freqüentemente: “Tupi or not tupi?”.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Expressão de Oswald de Andrade.

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mario de “ Aspectos da Literatura Brasileira” 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.
- ANDRADE, Mario de, “ Empalhador de Passarinho”. 3ed. São Paulo: Martins, 1972
- BARTHES, Roland. “ Aula – Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio da França”. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BENVENISTE, Émile. “Problemas de Lingüística Geral I”. Campinas: Pontes, 1991.
- CARNICEL, Amarildo. “ O fotógrafo Mario de Andrade” São Paulo: UNICAMP, 2003.
- COELHO NETO, J. Teixeira. “Semiótica, Informação e comunicação: diagrama da teoria do signo”. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- FIORIN, José Luiz (org). “Introdução à Lingüística –I. Objetos Teóricos”. São Paulo: Contexto, 2002.
- FERRARETO, Luiz Arthur. “Rádio- o veículo, a história e a técnica”. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2000.
- FONSECA, Pedro Cezar Dutra. “Vargas: o capitalismo em construção” São Paulo: Brasiliense, 1989
- LOBATO, Monteiro. “Emília no País da Gramática”. 12ed. São Paulo: Brasiliense, 1965.
- MACHADO, Irene. “Escola de Semiótica - as experiências de Tartu Moscou para o Estudo da Cultura” . São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- MORAES, Eduardo Jardim. “Limites do Moderno – o pensamento estético de Mario de Andrade”. Rio de Janeiro: Relume Duamrá, 1999.
- PIGNATARI, Décio. “Informação, Linguagem, Comunicação”. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002
- STAM, Robert “ Bakhtin- da teoria literária à cultura de massa”. São Paulo: Ática, 1992.
-